ANO 6.º | Sexta-feira, 12 de Setembro de 1913 | NUMERO 288

O DEMOCRATA

Semanário Republicano Radical de Aveiro

Director e editor---ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões

(AVENÇA)

ESPERANÇAS

Anda novamente de esperanças o seabastianismo arte nova dêste jardim á beira-mar plantado, com o casamento do sr. D. Manuel, duque de Bragança, a quem por méro espirito, cértamente, cérta soberana chamou D. Manuel II rei de Portugal, numa dedicatória de prenda de noivado.

Com futeis motivos se contenta já a claque do destronado creançola e á falta de razões mais poderosas vae-se agarrando com unhas e dentes—áquélas unhas e áquêles dentes que ha tres anos anceiam pelo dia em que novamente tenham de afiar-se no bôlo orçamental—a qnantos pretextos lhe aparecem para dar largas ao despeito represado, para esvasiar ruidosamente a visicula tumefacta ao odio verde que lhe envenena a propria existencia.

Tomando a nuvem por Juno, os monarquistas deram désta vez largas ás suas afervoradas crenças, manifestaram com entusiasmo a sua desinteressada dedicação pela causa real e veem novamente anunciando aos quatro ventos o proximo advento do sr. D. Manuel, ao abandonado trôno de Portugal.

Entre as prendas oferecidas figura uma da *cidade de Lisboa* e êste facto não poude deixar de chamar a minha atenção por dois motivos:

Se foi a cidade de Lisboa que ofereceu a prenda, déve na subscrição pública, aberta para adquiril-a, figurar uma bôa parte da sua população, ou uma colétividade que ligitimamente a represente, isto é, que por sufragio tenha recebido êsse honroso mandato.

Ora néstas condições creio que apenas se encontra a Câmara Municipal que não foi com certêsa quem lhe enviou a lembrança.

Resta o segundo caso; a cidade de Lisboa conta atualmente cêrca de 400:000 habitantes e 300, 400 ou mesmo 1000 ou 3000 dos seus moradores não representam tão numerosa população, a não ser que déla tenham recebido procuração expréssa.

Désta não falaram as folhas; logo os 300 ou 500 subscritores pódem, para inglês vêr, intitular a prenda da *cidade de Lisboa*, como podiam intitulal-a das ilhas desertas, ou do grupo dos *abelhudos*, etc., o que êles não representaram foi, por fórma alguma, a cidade de Lisboa, que lhes reconhece o direito de tomarem quanta presunção e agua benta quizérem, mas que não lhes confére poderes de representação colectiva.

Outro dos aspectos por que vejo a questão é pelo da assistencia.

Luta a capital com falta de asilos e casas de recolhimento para pobres, creanças vadías e invalidos. Ainda ha pouco, só á custa de uma grande força de vontade, conseguiu abrir a chamada *Albergaria de Lisboa*, e ao passo que a primeira cidade do país luta desesperadamente por falta de meios para resolver ou atenuar sequer o problema da mendicidade, é a mesma cidade de Lisboa que bizarramente dispõe de algumas dezênas de contos para oferecer um magnifico presente ao opulento proprietario sr. D. Manuel de Bragança!

Colocando agora em paralélo éstas duas faces do interessante caso, uma terceira revolta para completar o prisma é o insulto que tal presente, riquissimo para uma cidade que não tem, por assim dizer, assistencia pública, representa, e insulto tanto mais contundente quanto é cérto que se destina a um proprietario rico, quando ha em Lisboa tanta miséria, tanta fome, tanta doença a pedir a esmola dos generosos oferentes realistas que para as obras de patriotismo e caridade, pouco proprias para exibições espetaculosas, tem sempre a bolsa fechada.

Humberto Beça

Devido a não termos recebido ainda uma remessa de papel que encomendámos para o *Democrata*, sáe este hoje de formato mais pequeno e sem algumas secções, que tivémos de suprimir.

Dos nossos assinantes esperâmos nos desculpem, tanto mais que já na proxima sexta-feira contâmos que o *Democrata* se publique com o formato antigo.

Feio Terenas

Estêve durante alguns dias nésta cidade visitando tambem os seus arrabaldes e a praia da Costa Nova, este velho republicano e jornalista, atual senador da Republica, que se fazia acompanhar duma pessoa de familia.

Pela sua propria bôca ouvimos que levâva de Aveiro as mais gratas impressões.

Estimâmos.

MILHO

O sr. governador civil de Aveiro oficiou ao sr. director geral da agricultura que tendo a câmara municipal do concelho feito sentir a necessidade de abastecer os mercados de milho para panificação, pedia mais a concessão de 100:000 kilogramas de aquêle cereal, visto ter-se já consumido a primeira remessa e a presente colheita se julgar insuficiente para as necessidades do consumo da população.

Cremos que não deixará de ser atendido.

Vapor turco

Demandou na quarta-feira o nosso porto, por falta de carvão, segundo declarações prestadas ás autoridades maritimas, um vapor de 60 toneladas procedente da Turquia mas com tripulação grega.

Está devidamente vigiado.

IMPRENSA

Como se faz jornalismo em Portugal

SEM SINCERIDADE, NEM CONVICÇÕES, NEM COERENCIA

Uma prova a mais pela "Soberania do Povo„ de Agueda, em dois artigos de fundo

UMA EXPLICAÇÃO

«A *Soberania do Povo* disse, no dia seguinte ao da proclamação da Republica, que os velhos partidos monarquicos estavam extintos. Não podiam reconstituir-se êsses partidos, nem na sua fórma, nem na sua essencia, nem no seu programa. Os acontecimentos, impondo-se a todas as consciencias, guiando os homens nos seus propositos, modificaram toda a vida politica. **A monarquia caíndo desastradamente,** o exercito aclamando a democracia, **o rei abandonando a terra da sua patria quando ainda estava hasteado em todas as fortalezas o seu pavilhão,** um profundo dezanimo tomando as almas, constituiam condições de vida social diversissimas das que dominavam anteriormente o país.

Na primeira hora da vitória do novo regimen, o sr. dr. Teofilo Braga, presidente do govêrno provisorio, disse em uma soléne proclamação dirigida ao exercito e á armada que *o govêrno confiava no patriotismo de todos e que a Republica para todos era feita*. Foi néstas circunstancias, e depois de ouvidas as palavras leais do presidente do govêrno, que numerosos cidadãos que tinham pertencido ao partido progressista naturalmente extinto pela quéda das instituições monarquicas, pediram ao sr. Conde de Agueda que não deixasse perder e desconjuntar as poderosas forças que no distrito de Aveiro constituem aquêle historico partido, conservando a sua unidade e tornando-se em grupo que defendesse e seguisse o novo sistêma politico da nação. O sr. Conde de Agueda não quiz resolver, por si só, e procurou ouvir os seus amigos que convocou para a cidade de Aveiro na tarde do dia 12. Realisou-se ali uma escolhida reunião, que votou esta moção, que já foi publicada nêste periodico:

Os representantes do historico partido progressista do distrito de Aveiro resolvem prestar a sua leal e desinteressada adesão ás novas instituições republicanas e tornar publica a sua resolução.

Nada ha mais simples e mais direito. A monarquia caíu. **Em Portugal não póde haver mais o sistêma monarquico.** O presidente do govêrno provisorio apelava para o patriotismo dos cidadãos e declarou que a Republica era feita para todos. Não se pede ao poder nenhum favor, nenhuma contemplação, nenhuma condèscendencia mesmo. Aceitou-se a declaração do chefe do novo govêrno e tomou-se logar nos arraiaes da Republica, para a servir e fortalecer, e não para receber gasalhado e auxilio.

Parece que esta deliberação não agradou a toda a gente, nem mesmo á gente que estava filiada em outros partidos monarquicos e que se apressou a fazer a sua aderencia ás actuais instituições. Não é o momento de levantar questões, de provocar debate e entreter polemicas. Expõem se os factos, dá-se razão do que se fez, e espera-se a justiça de quem hade julgar serenamente o procedimento dos bons cidadãos que tão desinteressadamente se houvéram na conjuntura grâve em que o país se acha.»

(**Soberania do Povo,** de sábado 12 de Outubro de 1910.)

O CASAMENTO RÉGIO

«Realisa-se ámanhã em Sigmarigen o casamento de El-Rei o Senhor D. Manuel II com a princêsa Augusta Vitória. E' um enlace de duas almas escolhidas, que se unem por um intimo, sincéro aféto. As bençãos de todos os portuguêses, que militam nas fileiras monarquicas, acompanham o Rei e a futura Rainha de Portugal, desejando-Lhes todas as venturas de um Lar cheio de felicidade.

O casamento do Rei de Portugal reveste o caracter de uma pompa desusada, e constitue o grande acontecimento da época nas Côrtes da Europa. Os altos Padrinhos dos egrégios Noivos, os selétos representantes de todas as casas reinantes, a escolhida assistencia de principes e princêsas á brilhantissima cerimonia, que vai realisar-se dentro de poucas horas, todo este deslumbrante conjunto de grandeza e de imponencia pela qualidade e pelo numero dos assistentes, concorre para dar ao casamento de El-Rei o Senhor D. Manuel II o aspecto de um acto de grande alcance e magnificencia, que muito hade impressionar o espirito e comover o coração de todos os portuguêses QUE TEEM A FIRME ESPERANÇA DE VÊR O SENHOR D. MANUEL RESTITUIDO Á PLENA POSSE DO SEU TRONO, e que fazem os mais sincéros votos pelas felicidades dos jovens Monarcas.

A *Soberania do Povo* ASSOCIA-SE JUBILOSAMENTE AOS VOTOS DÊSTES PORTUGUÊSES, QUE SÃO A GRANDE MAIORIA DO PAÍS.»

(**Soberania do Povo,** de quarta-feira 3 de Setembro de 1913.)

Préviamente sabemos o que a *Soberania* nos dirá se acaso estiver disposta a explicar a sua atitude, respondendo-nos. Mas, com franquêsa, a *Soberania* não tem já hoje o direito de querer passar por jornal monarquico com a autoridade que antigamente a caraterisava porque... aderiu á Republica.

E com tal clarêsa que, ao lermos hoje os seus artigos e confrontando-os um a um com aquêles que inseriu após os acontecimentos de Outubro de 1910, que tornáram vitoriosa a Democracia, concluimos que o velho orgão dos srs. Mélos déve ter perdido por compléto não só a confiança dos seus amigos como ainda a dos republicanos que tivéram a ingenuidade de o acreditar.

O que vale é que êstes não haviam de ter sido muitos. E explica-se: logo viam que *não era ésta a Republica com que a* Soberania *sonháva*...

O capitão Vareiro

Se o indicassem doutra fórma, se o apontassem sobre outra designação, êle, que era tão popular, tornava-se desconhecido.

João dos Santos Silva, era o seu nome, mas ninguem o referia assim. Era o capitão Vareiro, e por todos assim tratado. Veiu-lhe a alcunha de ter passado, apesar de filho désta cidade, uma grande parte da sua vida de rapaz, na proxima vila de Ovar.

Embarcando desde bem novo, fez a sua carreira e a sua pequena fortuna sobre o mar, atingindo ha muitos anos a patente de oficial mercante, governando como capitão muitos navios, alguns propriedade sua. De longe vem a prática dos seus actos de filantropia e alevantado patriotismo.

Rude, de pouca cultura intelectual, póde dizer-se que possuia contudo uma alma tocada de subida elevação na prática de obras altruistas e caritativas, como dezenas de vezes demonstrou, consignando-as sobejamente nas suas ultimas vontades, que dão bem a prova da nobrêsa dos seus sentimentos.

Sem mesmo poder justificar, por falta de conhecimentos, muitos actos da sua vida e o seu alheiamento das praxes sociaes, que apezar de ridiculas e anacronicas, estão, todavia, em execução, êle, por um natural impulso, por uma consequencia intuitiva délas se afastava, mantendo-se dentro dos verdadeiros principios da democracia e da humanidade.

Valente, decidido e forte na presença até dos maiores perigos que enervam e aterram os mais arrojados, Santos Silva, como demonstrou até á sua derradeira hora, nunca vacilou sobre o buliçoso elemento—o mar—onde tantas vezes se defrontou com a morte.

Ha um caso altamente carateristico, que corrobora quanto dizemos. Numa determinada viagem, envolvido por uma formídavel tempestade que ameaçava tragar a embarcação, os tripulantes, convencidos da proximidade da sua perde, trouxeram para o tombadilho a imagem duma santa, a qual invocavam, suplicando o seu salvamento.

Efemero recurso dos pobres homens! O mar continuava erguendo-se furioso e o vento sibilava numa violencia aterradora pelas enxarcias.

Então o capitão Vareiro, que comandava o barco, reconhecendo não só a inutilidade da petição como quanto tal facto traduzia o esmorecimento moral da sua gente, solta duas pragas que sobrelevaram a furia dos elementos, e atirando contra o convez a imagem fel-a em pedaços, cacorajando a seguir a tripulação, que conseguiu salvar, assim como o seu navio.

Ao capitão Vareiro, ha muitos anos que o minava, lentamente, uma tuberculose que a robustez do seu organismo, vencido afinal, ofereceu grande resistencia. Morre aos 63 anos e deixa viuva a sr.ª D. Maria Pereira e Silva.

O seu enterro foi uma viva demonstração de quanto os seus conterraneos, especialmente a classe proletária, apreciavam as elevadas qualidades do seu espirito, manifestadas inumeras vezes em actos de generosidade numa grande parte desconhecidos.

As suas ultimas disposições, as mais importantes são: uma terça parte da sua fortuna para a Santa Casa da Visericordia e mais 500 escudos; 300 escudos ao Monte-Pio; 300 escudos á companhia

dos Bombeiros Voluntarios; 300 escudos ao *Centro Escolar Republicano*, de Aveiro; 100 escudos para serem distribuidos pelos pobres por ocasião do seu enterro; 1000 escudos, o seu ouro, objetos duso e parte da mobilia a Maximo Henriques de Oliveira; 50 escudos a cada um dos seus afilhados e os dois terços restantes dos seus haveres disbuidos em partes iguaes por seus indicados parentes. Para os testamenteiros, srs. Manuel Augusto da Silva e Manuel Maria Moreira deixou tambem 600 escudos que serão divididos irmãmente.

O funeral foi civil conforme os desejos do extinio, encorporando-se nêle a companhia dos Bombeibeiros em cuja carrêta João dos Santos Silva foi conduzido até á sua ultima morada.

Que descance em paz o benemerito cidadão cuja morte o *Democrata* deplora enviando a toda a familia sentidos pêsames.

EM ANGEJA

—(*)—

Inauguração dum centro escolar republicano

Realisa-se no domingo na importante povoação de Angeja onde o partido republicano conta valiosos elementos, a inauguração do *Centro Escolar Democratico* em que de ha muito andávam empenhados os principaes defensores do regimen naquéla localidade e em Lisboa cuja cidade, é, tambem, habitada por numerosos angejenses.

Juntamente com o programa das brilhantes festas, que abaixo vái publicádo, recebeu o nosso director convite para a élas assistir e falar na sessão soléne. Por êle agradecemos a deferencia, que reputâmos bastante honrosa, mas á qual cértamente Arnaldo Ribeiro não poderá corresponder por se achar ausente desde o principio do mez. No entretanto o *Democrata* não deixará de tomar parte na festa inaugural do Centro de Angeja representado pelo digno secretário da prestante colétividade, sr. João Pereira Serrano, a quem nêsse sentido vâmos escrever pedindo-lhe ao mesmo tempo que em nosso nome saúde os organisadores do novo baluarte da Republica assim como todos quantos contribuem para ó seu engrandecimento.

Segue o programa, que consta do seguinte:

A's 6 horas: —*Alvorada*, em que se fará ouvir a filarmonica *Angejense*, queimando-se uma salva de 21 morteiros.

A's 12 horas:—Reunião de 30 creanças, das mais pobres da freguezia, na séde do *Centro*, onde lhes serão distribuidas algumas peças de vestuario.

A's 13 horas:—Sessão soléne, em que se fazem representar o Directorio do Partido Republicano Português e as autoridades do districto, e em que usarão da palavra vários oradores.

A's 15 horas:—Passeio ás margens do Vouga, no qual tomarão parte as creanças contempladas e onde lhes será servido um lunche.

Das 18 ás 24 horas:—Kermesse na Praça da Republica, cujo produto reverterá a favor dos pobres mais necessitados da freguezia.

Das 20 ás 24 horas:—A séde do *Centro* estará ornamentada e iluminada, assim como a Várzea 5 de Outubro e Praça da Republica, pelo distinto armador Gabriel, de Agueda.

Todos os numeros serão abrilhantados pela filarmonica *Angejense*, que ás 20 horas subirá para o corêto e tocará alternadamente com a conceituada filarmonica *Albergariense*, queimando-se nésta ocasião um vistoso fogo dos melhores pirotecnicos da Vila da Feira.

Domingo, 21 de setembro de 1913

A's 13 horas:—Distribuição, na séde do *Centro*, do produto da Kermesse, aos pobres.

A's 14 horas:—Passeio e merenda de confraternisação democratica ao Fontão e Fróssos.

JUSTIÇA!

Em ultima instancia

é julgado no Suprêmo Tribunal o recurso dos tres réus condenádos em Oliveira de Azemeis por terem negociádo, a troco de dinheiro, com alguns mancebos, a sua isenção das fileiras do exercito

PRISÃO DO "MELRO„ DO "CANCÉLAS„ E DO "SARRILHAS„

CONFRONTOS

Após a passagem do respectivo processo por todas as instancias acompanhado dos mais lamuriantes e esforçados *considerandos* tendentes a levar ao espirito dos julgadores a convicção da inocencia dos réus, acabam de dar entrada nas cadeias de Oliveira de Azemeis os implicados no crime de isenção de mancebos do serviço militar, por dinheiro, Manuel Vilarinho Novo—o *Melro*—Manuel Joaquim da Silva Almeida—o *Cancélas*—e Antonio da Silva Rezende—o *Sarrilhas* de cujo julgamento, em Novembro de 1912, os nossos leitores devem estar lembrados pela circunstanciada reportagem que dêle fizémos.

Não é só a novidade do caso, com éste resultado, que prende a atenção pública, mas as circunstancias muito especiaes que o envolvem, desde a descoberta do crime até ao seu julgamento final, que pé de que recordemos aqui as particularidades que cercaram ésse tristissimo facto, ampliados com umas considerações que néste momento julgâmos indispensáveis.

Desconfiada a autoridade administrativa local com a aparição naquéla vila, Oliveira de Azemeis, de individuos que a éla não pertencendo eram, todavia, já conhecidos como agentes intermediarios da ignobil traficancia de isenção de mancebos do serviço militar, por quantias várias, e coincidindo tal visita com as inspecções militares que néssa data ali se realisavam, tão acertadas providencias de vigilancia estabeleceu que num determinado dia, colhendo provas irrefragaveis do crime, prendia a famigerada trindade que agora, a dentro das grádes da prisão, sofre as consequencias dos seus actos depois de julgada pelo digno juiz da comarca e condenáda em penas que variam entre dezeseis a tres mezes de cadeia.

Do *Melro*, natural da Gafanha, onde sempre residiu, foi advogado de defêsa o dr. Joaquim Peixinho, que bastante se esforçou para atenuar a responsabilidade, em especial, do seu cliente e em geral de todos os réus.

Testemunha presencial désse julgamento, conservâmos ainda bem viva a lembrança mais minuciosa de todo êle.

O advogado, no seu discurso, que traduzia não só o proprio convencimento de que estava possuido sobre a verdade da acusação embora não fossem só os réus presentes os unicos responsaveis por éla, esforçou-se para atenuar a gravidade do crime, não podendo evitar, contudo, que num impulso de intima sinceridade exclamasse as seguintes palavras que por mais de uma vez néstas colunas temos reproduzido:

. . . .

Não ia ali para dizer que o Melro *estáva isento de culpa. Não. O que êle desejava é que a tribunal tivésse em atenção os seus poucos conhecimentos, visto como até estáva convencido de que o réu considerava o negocio a que se entregou como sendo uma coisa licita e portanto ao abrigo de quaesquer incomodos que por êsse facto lhe podéssem advir.*

. . . .

Isto o dr. Peixinho. Por sua vez, o advogado dum dos outros réus, exclamava: **as baixêsas veem do alto, e que bom é que élas tenham o devido castigo, não ha duas opiniões nem eu quero negar.**

A resonancia désta afirmativa, tão sincéra quanto absolutamente verdadeira, não se reproduziu sómente dentro da sala onde foi proferida; não morreu ali entre as paredes do tribunal: écoou por todo o país, como um sinal de rebate dado a todos os cidadãos, levado a todos os logares como a voz potentosa dum bronze gigantesco, tangido a milhares de metros de altura!

Aquélas palavras equivaliam a uma sentença de Salomão: eram a essencia da verdade.

Condenádos os réus, apeláram para o tribunal da Relação do Porto, onde a sentença fôra confirmada oportunamente.

Animados não sabemos por que razões, ou se apenas num derradeiro esforço, como o ultimo gesto do misero que se submerge, tentando apanhar, por natural instinto, o que êle desditosamente sabe que não encontra—um apoio—o procésso foi levado até á ultima instancia, ao Supremo Tribunal de Justiça, donde dimanou ha dias a fatal e irremediavel condenação!

Estão, pois, na cadeia, como o ultimo epilogo do desgraçado drama, as personagens que nêle se envolveram, ficando na penumbra, rindo-se da protecção que infamemente os encobre, os verdadeiros criminosos, os unicos responsaveis do repugnantissimo crime, que aferrolhou durante mezes as segundas e terceiras figuras, comparsas apenas na infame negociata, que a falta de honra, de probidade e de patriotismo dos altos dirigentes os levava a dirigir!

Mas êsses homens pela sua posição social, pela sua ilustração, por todas as circunstancias que nêles concorriam, poderiam apresentar-se, inculcando e impondo-se como unicos e exclusivos mediadores entre os mancébos e os membros das juntas?

Cértamente não, porque bastaria tal declaração para que toda a clientéla lhes fugisse.

Então o *Melro*, o *Cancélas*, o *Sarrilhas* fariam convencer alguem que eram *bastantes* para conseguir das juntas medicas a isenção dos interessados? Não, não.

O *Melro*, o *Cancélas* e o *Sarrilhas* diziam, cértamente aos interessados por conta de quem trabalhavam, acrescentando, sem duvida, quanta garantia ofereceriam as suas pessoas, os seus cargos oficiaes, que, com toda a facilidade, os conduzia, aparentemente, até junto das entidades, árbitras no apuramento ou não dos contingentes a examinar, fazendo, emfim, calar bem no espirito dos incautos todas as considerações tendentes a que os acreditassem, salientando a propria *cotação social* de altas personagens e emeritos ladrões que mesmo de luva calçada, embolsavam o produto da sua ignobil traficancia.

Mas, cabe aqui perguntar: a prisão désses homens como tantos outros episodios passados, que se tornaram imorredoiros, apagou ou liquidou ésta vergonhosissima e repugnante questão, no espirito público, na sociedade, dentro do verdadeiro partido republicano?

Cértamente, indubitavelmente não.

E não—mil vêzes não!—porque ninguem poderá vêr com indiferença, mas antes com justificado desespero, gemer na cadeia os que em determinado crime tomaram parte como figuras apagadas, emquanto gozam da liberdade os verdadeiros criminosos, os verdadeiros responsaveis que no cinismo que lhes cobre o estanhado da face, facilmente escondem as indicações denunciadoras dos seus crimes.

Ainda ha bem pouco, na Alemanha, a proposito duns criminosos entendimentos havidos entre divérsos oficiaes e alguns directores da casa Krupp, construtora de material de guerra, êsses oficiaes fôram julgados e condenádos.

Mas não ficou nisso a acção benéfica e purificadora da justiça. Fôram procurádos os que tinham com o seu procedimento levado os outros réus ao complemento do crime. E contra todos o tribunal se pronunciou. Inclusivamente contra dois directores e um antigo chefe de escritorio da referida casa, como réus de corrução de funccionários, incitação á traição e instigadores á falta dos seus deveres, de terceiros!

Que béla lição de dignidade!

Que eloquentissimo exemplo de moralidade de tribunaes!

Se êsses militares castigados esqueceram os seus deveres e a êles faltaram, poderiam ficar impunes os que a isso os levaram, induzindo-os com proméssas tentadoras, valendo-se—quem sabe?—das proprias circunstancias dificeis em que taes oficiaes se debatiam?

Não. Julgados aquêles, coube depois a vez aos que tão merecidamente, em nome da justiça, estávam nas mesmas circunstancias para lhe serem pedidas rigorosas contas.

E assim por élas responderam recebendo o prémio condigno.

Estão na cadeia o *Melro*, o *Sarrilhas* e o *Cancélas*.

Criminosos, sem duvida, devidamente e sem discrepancia reconhecidos em tres tribunaes!

Mas são êles os unicos culpados, os unicos réus do crime pelo qual fôram condenádos?

Não são, não são—afirmou-o o seu advogado—diz a população inteira da cidade, dil-o o país todo.

E' justo que sobre êles exclusivamente recáia o pêso da lei, que sómente os seus nomes fiquem manchados em tal ignominia?

Não!

Faça-se, pois, justiça igual para todos; procurem os tribunaes as figuras dos reconhecidos dirigentes déssa quadrilha que se tem locupletádo, mercadejando o mais sagrado tributo do cidadão, abusando da sua ignorancia e conspurcando a honra dos que são apresentados como seus cumplices, falseando a justiça das suas decisões em proveito dos que, sem repugnancia e sem pejo, combinam e justam o preço de tanta infamia!

Não é justo, não é digno, na época que decorre, que tamanha desigualdade, tão profunda injustiça se pratique!

Os que andam á solta são tão criminosos como os que estão presos!

Para a cadeia, pois, toda a quadrilha! Para a cadeia todos os ladrões engravatados ou não!

Assim é que se fará justiça inteira. Só assim é que as instituições republicanas se pódem dignificar.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

PALAVRAS DO SR. CONDE DE AGUEDA

Numa reunião de progressistas efectuáda nésta cidade no dia 12 de Outubro de 1910, isto é, séte dias depois da proclamação da Republica, a *Soberania do Povo*, de Agueda, dá-nos nêstes termos, o discurso do seu atual director:

Disse que, tendo a monarquia caído pela fórma que é sabido e sido implantada a Republica nas condições de todos conhecidas, tambem o dever de todos os portuguêses era prestar o seu apôio moral e politito ao novo regime. José Falcão disséra um dia que «se a monarquia podia salvar o país, que o fizésse.» Ora a monarquia não o poude fazer. Agora, dizia êle, orador, que a Republica podia salvar o país, desde que todos os portuguêses ou a sua grande maioria auxiliassem e fortalecessem o novo regime; que, se este désse em falencia, sería a perda da nossa autonomia.

Se a força, representada por todas as influencias que ali estávam presentes, désse a sua adesão ao novo regime, éla concorreria para o robustecer e consolidar desde já; e, de aí, uma grande nota de prestigio para as novas instituições—facto este que não póde ser indiferente na apreciação do país como o não deve ser na apreciação do estrangeiro.

Acrescentou ainda que nenhum intuito havia de explorar o poder nem de fazea solicitações aos governantes, mas apenas o proposito de remover dificuldades que naturalmente rodeiam nêste momento as novas instituições; que éstas podiam contar com o auxilio desinteressádo e leal dos nossos amigos já pelo orador consultados, e que esperava que todos os seus amigos presentes seguissem éstas suas indicações. Que nenhum dos presentes, assim o espera, desejava nem queria ocupar o logar que pertence aos vencedores. Para êles, todo o justo prémio do esforço da sua formidavel campanha! Para nós apenas o modésto logar que nos cabe de honrar e secundar êsse esforço. O orador pôz ainda em relevo a atitude corréta dos revolucionários após a vitória, e, bem assim, a atitude dos republicanos de todo o país, que, no momento supremo da conquista das suas aspirações, tivéram para com os vencidos todas as considerações e deferencias. A élas devemos corresponder, não lhes embaraçando o caminho, e complétando com o modésto auxilio que vamos dar ao novo govêrno a missão de ordem e de paz que o govêrno provisório se impôz logo que assumiu o poder.

A *sinceridade* e a *convicção* com que o sr. conde perorou aos seus partidários!...

E afinal para quê? Pois não era êle um dos portuguêses *que teem a firme esperança de vêr o Senhor Dom Manuel restituido á plena posse do seu Trôno?* Pelo menos sempre assim o julgámos. E não nos enganámos...

GLOBE-TROTERS

De passagem, estivéram nésta cidade dois simpáticos rapazes, José Maria Ferreira, aluno da Faculdade de Letras na Universidade de Lisboa e Amilcar Ferreira Breia, estudante, que se propõem efectuar, sem dinheiro, uma viagem á volta do mundo em missão de estudo e propaganda de Portugal.

Tendo saído de Lisboa a 14 de Agosto findo, os arrojados viajantes dirigem-se agora ao Porto para proseguirem na sua rota, que contam terminar com exito caso não sobrevenha algum contratempo.

Festas civicas na Quintã do Loureiro (Cacia)

Decorreram com extraordinario brilhantismo as festas civicas que, por ocasião da tradicional romaria a S. Simão, uma comissão de republicanos historicos organisou nos dias 6 e 7 do corrente, no risonho logar da Quintã do Loureiro.

A despeito dos manejos da *talassaria* indigena e da jesuitada local, que tudo fizéram para afastar o povo das festas, desde as comicas préces para que viésse máu tempo até á intriga, ao insulto e á calunia nas colunas dos jornaes que lhe são afectos, a concorrencia foi grande, sendo voz geral que nunca na freguezia de Cacia se fizéram festejos que tanto agradassem ao povo e que tão memoraveis ficassem.

Dos mais afastados pontos do districto veiu gente, sendo elevado o numero de trens e carruagens com senhoras e cavalheiros que, atraídos pela fama de eloquente orador de que gosa o ilustre governador civil de Braga, sr. padre João Lopes Soares, mostraram interesse em ouvil-o.

De facto, a sua oração foi soberba. S. Ex.ª esteve sublime de eloquencia e sinceridade. Não se póde falar mais, nem melhor ao povo sobre os seus deveres e direitos civicos.

A certa altura do seu brilhante discurso a multidão, electrisada pela magía das suas ardentes e patrioticas palavras, fez-lhe uma quente e delirante ovação, constituindo uma agradavel surprêsa para todos os velhos republicanos que nunca supuzeram o povo dos campos capaz de taes transportes de entusiasmo. E' que o ilustre governador civil de Braga, conhecedor, como poucos, da psicologia das multidões, soube falar-lhe a um tempo ao cerebro e ao coração sobre a obra da Republica. S. Ex.ª abordou e salientou magistralmente os beneficios da lei niveladora do *Recrutamento,* do *imposto progressivo* e da lei libertadora da *Separação*, fustigando com rara energia todos aquêles que fazem do altar um balcão, prostituindo a doutrina de Cristo e adulterando, para fins inconfessaveis, a sua moral que nada tem de incompativel com os mais radicaes sentimentos democraticos.

Ao salientar o trabalho e o esforço sobreumanos dispendido na pasta das Finanças pelo glorioso estadista que é Afonso Costa, que, longe de sobrecarregar o contribuinte com novos impostos para a consecução do *superavit,* antes o aliviou e isentou na sua maior parte, sómente sobrecarregando uma minoria—aquêles que teem o superfluo—novamente o povo o aplaudiu, saudando tambem com vivas o dr. Afonso Costa, que redobraram quando o orador aludiu ao beneficio prestado pelo chefe do govêrno a esta região, isentando do pagamento da portagem a ponte de Angeja. Foi a todos os respeitos uma brilhante oração civica ou, como diz o povo, um belo *sermão* que o deixou encantado, em que peze ao *Dia* e quejandos *canudos* ao serviço da reacção politico-religiosa, que tanto repontaram com este numero dos festejos.

O ilustre governador civil de Braga finalisou, retrucando áquêles que especularam com a sua vinda a esta festa, o seguinte: — *O meu sermão só tem uma virtude e um merecimento: o de ser absolutamente sincéro e de não ser pago.* Estas palavras foram acolhidas com uma estrondosa salva de palmas e calorosos vivas, o que provou que o auditorio compreendeu bem o seu significado e endereço.

O grande *prégador*, como já lhe chamava o povo, falou durante mais de uma hora, e quando terminou estava visivelmente fatigado. Tinha subido á tribuna, que estava repleta de senhoras, por volta do meio dia, tendo sido apresentado á multidão pelo ilustre governador civil de Aveiro, sr. dr. Ferreira Vidal, ao som do hino nacional, respeitosamente escutado pela assistencia de chapéu na mão.

Entre as pessoas que de longe viéram para ouvir o brilhante orador, recorda-nos ter visto as seguintes:

Dr. Aragão, juiz auditor do tribunal marcial de Braga, dr. Mélo Freitas, secretário geral do govêrno civil de Aveiro, administrador de Agueda, administrador de Aveiro, João Castéla, de Agueda, Elizio Feio, de Esgueira, Eduardo Gaspar, de Oliveira do Bairro, etc.

Abrilhantaram a festa as filarmonicas dos Bombeiros Voluntarios de Aveiro e de S. João de Loure que se houvéram magistralmente, tocando em dois corêtos, no largo do S. Simão. A capéla foi ornamentada a capricho por um grupo de senhoras, sobresaindo no conjunto os festões de verdura e flores. A missa da manhã de domingo foi dita pelo revd.º prior de Esgueira, unico padre cultualista do distrito.

A's 14 horas tivéram logar as corridas de bicicletes, tendo ganho o primeiro premio, que constou de uma medalha de prata dourada e uma carteira com um escudo, o corredor Antonio Pinto, de Aveiro, que fez o percurso em dez minutos.

O segundo premio foi ganho pelo corredor Manuel Dias de Oliveira, de Aveiro, que fez o percurso em doze minutos e trinta segundos. Era constituido por uma medalha de prata e uma carteira.

O terceiro premio coube ao corredor da Quintã, Carlos Branco, que fez o percurso em treze minatos. Constou duma carteira e duma medalha de *vermeil*.

Todos êstes prémios fôram conferidos aos corredores por uma comissão de sonhoras, constituidas em juri. O percurso efectuado pelos corredores foi o seguinte: Largo de S. Simão, estrada de Aveiro, Cinco Caminhos, estrada da Quintã, S. Simão e foi rigorosamente fiscalisado.

Em seguida a êste numero tivéram começo as corridas de pucaras, que despertaram bastante interesse pela série de peripécias sucedidas, provocando a mais franca hilariedade. Tomáram parte néla todos os ciclistas presentes, sendo todos premiados.

Sucedeu-se depois a luta de tracção em que duas valentes *equipes de gavroches*, de 9 a 12 anos, puzéram á prova a rijêsa do musculo e da fibra. Impossivel descrever o que foi êste numero. As *equipes* iam perdendo a serenidade e compostura, pouco faltando para desatarem ao sopapo, despertando o incidente ruidosas gargalhadas da parte do público. Foi preciso, para restabelecer a ordem, premiar todos os concorrentes, de contrário sería o fim do mundo. O mesmo se repetiu a quando das corridas de tres pernas, estando os concorrentes quasi engalfinhados uns nos outros com grande gaudio dos espectadores.

A's 16 1|2 horas subiram para o estrado as tricanas de Aveiro com o seu grupo musical, iniciando as suas tipicas canções e caracteristicas danças. Foi um numero bastante apreciado pelo imenso público que nêsse momento pejava o largo do arraial.

O fogo, fornecido por dois pirotecnicos—um de Aveiro, outro de Veiros—foi magnifico, honrando a sua competencia profissional. Todavia é de justiça dizer-se que o povo apreciou mais o fogo de Veiros.

A festa, que tantas saudades deixou, terminou ás 21 horas com uma grande apoteose á Republica, feita pela enorme multidão que assistia ao arraial. A êssa hora, para apanhar o ultimo comboio, as tricenas e a multidão, com a musica de S. João de Loure á frente, tocando o hino nacional, atravessaram o logor da Quintã, entoando num soberbo conjunto a *Portuguêsa*, e aclamando com estridentes vivas a Republica, espectaculo êste imponentissimo e aqui nunca visto, o que arreliou espantosamente os *talassas,* que nunca esperaram que as festas tivéssem tão imponente e patriotico desfecho. Foi, não ha dúvida, uma brilhante jornada para a Republica o dia 7, e daqui felicitâmos os nossos amigos e correligionários João Afonso Fernandes, Manuel Nunes Ferreira, Jaime Dias Ferreira, tenente Alberto Quaresma, José Dias Marques e Manuel Dias Ferreira, promotores de tão brilhantes festejos, cabendo o logar de honra ao primeiro dos cidadãos acima referidos.

A ordem pública foi mantida no arraial por uma força de policia de Aveiro.

C.

NOTAS DA CARTEIRA

Regressou ontem á capital depois de ter passado aqui e na Costa Nova alguns dias em companhia de amigos sincéros, o ilustre secretário do sr. ministro do Interior, Beja da Silva.

=Visitaram-nos esta semana os srs. Antonio de Oliveira Matos, do Sol Posto; Ramiro Tavares Pinheiro, de Travassô; Joaquim Lopes da Mata, de S. João de Loure; Manuel Angeja, agente da Companhia dos Tabacos em Vila Nova de Gaia; Salvader dos Santos Barbosa, industrial em Setubal e José Antonio Dias de Oliveira, de Sarilhos Pequenos.

=Seguiu para Mondariz a fazer a sua estação de aguas, o sr. José Simões de Mélo, nosso honrado assinante.

=Já se encontram na Costa Nova os srs. Antonio dos Santos Vitor, escrivão-notário em Vieira do Minho e o seu coléga da Guarda, Joaquim Paulo.

=Foi a Lisboa acompanhar um amigo que embarcou para os E. U. do Brazil, o sr. Bento de Carvalho.

=Com sua esposa e filhinho acha-se na Costa Nova a uso de banhos, o sr, dr. Eugenio Couceiro, medico na Mealhada.

=Fez anos no sábado o nosso querido amigo e conterraneo, Francisco Vieira da Costa, ausente em Loanda, a quem enviâmos um apertado abraço de parabens.

Ultramar

—=(*)=—

Aos nossos presados assinantes da Africa, Brazil, Congo, etc., a quem pelo correio nos dirigimos enviando-lhes nota dos seus débitos, roga a administração do *Democrata* a finêsa de os mandarem satisfazer pela via que melhor lhes convier cérta, como está, de que todos assim procederão atenta a sua comprovada honestidade.

E aceitem por isso o nosso antecipado reconhecimento

PELA IMPRENSA

—=(*)=—

Começou a publicar-se em Lisboa, quinzenalmente, a *Revista Automobilista Portuguêsa* fundada pelo sr. Antonio da Assunção Santos e cujo primeiro numero, ilustrado com o retrato do venerando Presidente da Republica, recebemos.

= Visitáram-nos tambem pela primeira vez, ésta semana, os nossos colégas *Ecos do Vouga*, de S. Pedro do Sul, e *O Povo de Cambra*, de Macieira de Cambra, ambos defensores da politica do Partido Republicano Português.

Cumprimentâmol-os.

NUMEROS

O ESTADO DA DIVIDA FLUTUANTE

Quanto tem diminuido no estrangeiro

O *Diario do Govêrno* publicou, em apendice, a nota da divida flutuante. referida a 30 de junho ultimo. Mostra a nota que a divida no estrangeiro tem feito a seguinte carreira:

Em 30 de junho de 1910	11:651	contos
» » » » » 1911	11:660	»
» » » » » 1912	11:363	»
Em 31 de dez.º de 1912	7:625	»
Em 30 de junho de 1913	3:980	»

Quer dizer que a divida fluctuante no estrangeiro—a que mais devia preocupar o país—foi diminuida em **7:671 CONTOS**. Em seis mêses de gerencia do actual govêrno, a diminuição foi de **3:645 CONTOS**.

Da divida no país aumentou a conta dos bilhetes do tesouro—o que representa crédito. O movimento foi este, demonstrando uma natural baixa após a proclamação da Republica:

Junho de 1910......	32:278	contos
» » 1911......	26:488	»
» » 1912......	29:310	»
Dezembro de 1912......	31:345	»
Junho de 1913......	33:827	»

Quer dizer que, a despeito da redução dos juros, a conta dos bilhetes do tesouro não só já atingiu a importancia em que estava antes da Republica como a excedeu em **1:549 CONTOS.**

Subiu ainda mais acentuadamente a conta da Caixa Geral dos Depositos, que é indicio de confiança publica. Dizem os numeros:

Junho 1910........	5:948	contos
» 1911........	3:326	»
» 1912........	3:576	»
Dezembro 1912........	5:372	»
Junho 1913........	8:238	»

Diminuiu, como se vê, a conta após a proclamação da Republica em mais de dois mil e quinhentos contos. Mas não só atingiu depois a cifra anterior como a excedeu em **2:290 CONTOS.**

Em compensação, depois de aumentar, diminuiu a conta corrente do Banco de Portugal:

Junho 1910........	25:632	contos
» 1911........	26:266	»
» 1912........	25:382	»
Dezembro 1912........	26:289	»
Junho 1913........	23:612	»

Quer dizer que a divida do tesouro no Banco de Portugal diminuiu no regimen da Republica **2.020 CONTOS** e **2:677 CONTOS** na vigencia do actual govêrno.

Eis o que dizem os numeros na sua singela eloquencia, respondendo com nobre altivez aos escribas financeiros, arte nova, que pretendem criticar a obra do govêrno.

Desastres

Déram-se no domingo e segunda-feira na praia da Torreira, por ocasião da festa tradicional do S. Paio, dois desastres que iam custando a vida a algumas pessoas se não fôssem os prontos secorros prestados por quem o podia fazer.

No primeiro dos dias indicados virou-se um barco moliceiro de que era proprietario e arraes Manuel dos Santos, natural da Murtoza, e que, levando a seu bordo mulheres e creanças, foram salvas por a lancha n.º 1 da capitania do porto que andáva proximo do local do sinistro, em serviço de fiscalisação da ria. Désta lancha é patrão o cabo de marinheiros, Custodio Rafael, a quem cabem os maiores louvores bem como á restante tripulação pelos bons serviços dispensados aos infelizes naufragos, prestes a morrerem afogados se tão depressa e com tanta pericia os não socorrem.

Na segunda-feira deu-se o segundo desastre que tambem causou grande consternação em toda a praia.

Referimo-nos ao desabamento duma varanda, que se achava apinhada de gente no momento da passagem da procissão e por motivo do qual ha a registar muitas contusões e ferimentos gràves mórmente os duma senhora que na lancha n.º 1 foi a toda a força transportada para Pardelhas afim de receber curativo.

Estes factos déram logar a enorme alvoroço emocionando toda a gente que os presenceou.

Costa Nova

"O Democrata,, vende-se durante a época balnear na *Padaria Macedo.*

Descanço nas pharmacias

Mappa das que sè encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

SETEMBRO

DIAS	PHARMACIAS
14	REIS
21	MOURA
28	LUZ

PRAIAS DO LITORAL

—=(*)=—

Farol da Barra, 11

Por mais duma vez tenho tentado vencer a minha natural indolencia, que, suportando os efeitos salinosos das brisas que nos refrescam permanentemente, entrou já no campo da preguiça das mais... *preguiçosas*...

E' cérto que não atingiu ainda as proporções assustadoras que originaram o fim da verdadeira preguiça, que morreu á sêde... junto dum poço para não ter o encomodo de voltar a cabeça; mas, áparte esta nota com que aliás muito me enlévo, por ser um caracteristico genuinamente nacional—eu orgulho-me de ser português ás direitas—não tem havido que dizer, não tem sugerido um unico argumento, um caso, uma historia, um conto, que sacuda esta mandrice que nos mantem numa sonolencia, numa modorra, que quasi equivale a um estado comatoso... provisorio!...

Assim decorrem os dias: os banhos pela manhã; os sorrisos... do costume para quem os merece; a exposição de tranças negras que se rolam no dorso bem talhado das suas gentes possuidoras; a chegada do carro, com o indispensavel borborinho para a distribuição das encomendas; a cavaqueira após o almoço; o recolhimento forçado pela calmaria; o jantar; as observações na meia laranja, ao pôr do sol; a noute, a *Assembleia* com a sua tradicional imponencia; a atmosféra saturada de essencias finas e... cáras; esbeltas figuras de damas; cavalheiros com ares conselheiraes, mantidos por velhos habitos de tempos idos, ainda que hoje filiados como *sincéros* partidarios do grande... Afonso, lealissimos republicanos, emfim; jornalistas de... pulso fazendo estilo... barato para contarem os encantos désta praia, uma nova Biarritz em... miniatura; as valsas, as mazurcas, o *cotilon*...

Depois... a saída, as despedidas, os desejos mutuos, com sorrisos significativos e apertos de mão muito pronunciados entre as loiras e juvenis frêquentadoras que se separam—*para uma noute feliz*; o éco apagado e triste do atrito entre a chave e a fechadura, encerrando cautelosamente a porta, para que fiquem bem guardadas tantas joias de subido valor, que vão pouco depois dar entrada nos seus cofres, transformados em fôfos leitos, sobre os quais se fecham olhos... divinos que bem preferiamos ás perolas do famoso colar roubado; o silencio pavoroso da noute; o marulhar monotono e arrastado da vaga; os relampagos do farol e... no dia seguinte a mesma cousa, sem alteração duma virgula.

Perdão! Nêste ponto não sômos verdadeiramente exatos.

O aristocratico grupo, sob todos os pontos digno da nossa admiração, que faz atualmente na Assembleia o monopolio do *cotilon*, segundo aviso publicamente feito, tenciona alterar um pouco o programa: estabelecerá ás quartas-feiras o decantado *cotilon,* a 16 pares, com variados e interessantes numeros... a preços comodos, o que é uma vantagem para a plébe, mais prometendo, segundo se diz, para muito bréve, a surpreendente exibição do... tango argentino, tambem a 16 pares—bem entendido...

Dizem-nos que é dança muito mechida e valha-nos isso a vêr se nos mechemos tambem...

De resto, os nossos mais sincéros encomios para os genuinos e aristocraticos iniciadores de tão importante melhoramento.

Noblesse oblige. E até á primeira se não fôr... antes...

Roméro

CORRESPONDENCIAS

Pará, 26 de Agosto.

Faleceu em Manáos, para onde tinha ido tratar de negocios, o nosso amigo sr. Domingos Marques Alegria, natural da Povoa de Estarreja, aonde deixa viuva. A' sua familia os nossos pêsames.

=Têve logar no dia 20 do corrente, pela primeira vez, á imitação do que atualmente se faz em Portugal, a festa da arvore que foi dedicada á seringueira e outras, com assistencia do sr. governador do Estado e mais pessoas gradas de Belem.

Este acto, que decorreu com bastante brilho, realisou-se no Largo da Polvora.

=Chegou aqui, ha dias, vindo de Cacia, o nosso amigo David Euzebio, o qual têve uma feliz viagem e a quem dâmos as bôas vindas.

=A Associação Comercial de Manáus reuniu no dia 12 do corrente e resolveu pedir, por emprestimo, ao sr. presidente da Republica Brazileira a quantia de 10 mil contos, afim de valorizar a borracha e equilibrar a actual crise financeira daquéla praça.

=O Pará tsmbem está lutando com embaraços devido á crise que actua, tendo falido algumas casas importantes entre élas a firma J. Franco & C.ª.

=A *Liga Portuguêsa de Repatriação*, enviou para Portugal, em junho, 14 pessoas, em julho 8 e no mez corrente, 10.

Todos os infelizes fôram repatriados por se encontrarem, além de doentes, na maior miseria.

C.

Alquerubim, 8

Causou aqui profunda impressão o facto de o ano economico de 1912-1913, fechar com um saldo positivo de 111 contos. Tal facto demonstra claramente a inteligencia e dedicação com que o ilustre ministro das finanças, sr. dr. Afonso Costa, tem tratado os negocios da sua pasta, mantendo e honrando sobremaneira, o programa do historico partido democratico.

Com vista aos inimigos das instituições que continuam a afirmar que—*isto caminha mal!*

Não ha duvida. Mal para êles...

=Foi pedida em casamento a sr.ª D. Quinda Aidos de Figueiredo, prendada filha da sr.ª D. Eulalia Dias de Figueiredo, de Beduido.

=Regressou já da Curía, onde foi fazer a sua cura de aguas, o nosso amigo Manuel Reis, importante proprietario e capitalista de Fontes.

=Encontram-se restabelecidos dos desastres sofridos, com o que nos congratulâmos, os srs. João Marques Gomes e Antonio Fonseca. Egualmente o nosso amigo Julio de Castro, administrador do *Progresso de Alquerubim.*

=Com demora de dias, está entre nós o nosso amigo Daniel de Mélo, devendo retirar em bréve para o Porto, afim de assumir as suas funções de empregado da em-

preza da revisto illustrada *A Nova Patria*.

Desejâmos lhe as maior s venturas.

=Guarda ainda o leito a sr.ª Ana Nunes Baeta, de Pinheiro.

=Vindos da capital, estão de visita a sua familia e seguiram para a Praia da Torreira os nossos amigos Antonio Pires Linhares e filho, Manuel Pires Linhares, e a sr.ª Florinda Dias de Carvalho.

=Com o mesmo destino seguiu a semana passada o sr. Manuel Maria Amador e familia.

=De visita a seu pae estão em Pinheiro, vindos da capital, os srs. Antonio e Augusto Simões, empregados da companhia de fosforos.

=As ultimas chuvas beneficiaram bastante a agricultura, em especial os nabaes, que já nascem.

C.

Fumadeira

Perdeu-se uma de ambar com anilha de ouro, para charuto.

Quem a entregar nésta redacção receberá alviçaras.